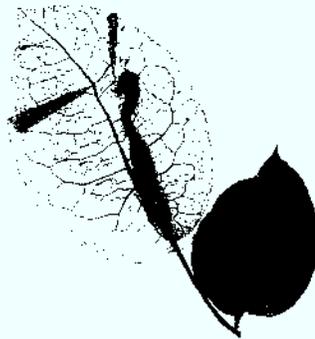


MARIA SALETE ALVES DE AGUIAR

O RETRATO DE UMA EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DA MENINA NO DIÁRIO
“MINHA VIDA DE MENINA” DE HELENA MORLEY



CAMPINAS, SP

2001

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

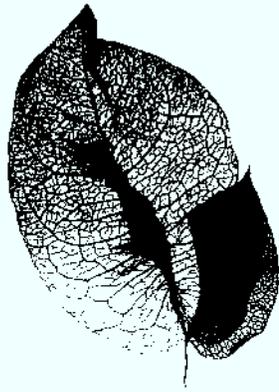
MARIA SALETE ALVES DE AGUIAR

O RETRATO DE UMA EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO DA MENINA NO DIÁRIO
“MINHA VIDA DE MENINA” DE HELENA MORLEY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do
curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Maria Cristina Menezes



Campinas, SP
2001



Orientador (a): Maria Cristina Menezes

Segundo (a) Leitor (a): Lillian Lopes M. da Silva

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Ag93r

Aguiar, Maria Salete Alves de.

O retrato de uma educação : a formação da menina no diário "minha vida de menina" de Helena Morley / Maria Salete Alves de Aguiar. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Maria Cristina Menezes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Casamento. 2. Meninas. 3. Escolas. 4. Papel sexual. I. Menezes, Maria Cristina. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

01-0211-BFE

AGRADECIMENTO



À minha orientadora
pelo acolhimento delicado
com que sempre me recebeu.

SUMÁRIO

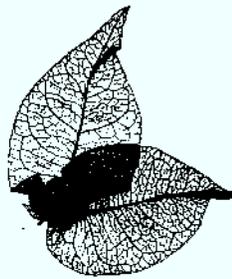
FOTO DE HELENA MORLEY

NOTA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 O DIÁRIO.....	2
2.1 A Diamantina dos Morley.....	3
2.2 O pai inglês protestante.....	6
3 A FORMAÇÃO.....	9
3.1 O diário na formação da jovem mulher.....	12
3.2 Casadas e solteiras.....	15
3.3 Casar ou dar escola.....	19
3.4 O “Bildungsroman”.....	26
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29





NOTA À 1ª EDIÇÃO

“Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o Professor de Português exigia das alunas uma composição quase diária, que chamávamos “redação” e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, ou carta ou narração do que se dava com cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre a nossa família, muito numerosa. Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados, esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para minhas netas. Nasceu daí a idéia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época.

Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje. E como a vida era boa naquele tempo! Quanto desabafo, quantas queixas, quantos casos sobre os tios, as primas, os professores, as colegas e as amigas, coisas de que não poderia mais me lembrar, depois de tantos anos, encontrei agora nos meus cadernos antigos!

Relendo esses escritos, esquecidos por tanto tempo, vieram-me lágrimas de saudades de meus bons pais, minha avó e minha admirável tia Madge, a mulher mais extraordinária que já conheci até hoje e que mais influência exerceu sobre mim, pelos seus conselhos e pelo seu exemplo.

Nesses escritos nenhuma alteração foi feita, além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender.

Agora uma palavra às minhas netas. – Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam Ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições - coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva.”(pg.11-12)

Helena Morley, 1942



RESUMO

AGUIAR, Maria Saete Alves de. **O retrato de uma educação: a formação da menina no diário “Minha vida de menina” de Helena Morley.** Campinas, São Paulo, 2001.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

O trabalho compreende um estudo sobre a formação da menina dentro de uma obra de estilo literário (no caso, o Diário) enfocando os aspectos políticos, sociais e educacionais que regeram não só a escola, mas também a sociedade de seu tempo, através do cotidiano “patriarcal” de fortes heranças escravocratas, que contribuíram para a formação da menina professora, destinada ao casamento.



1 INTRODUÇÃO:

A idéia surgiu a partir da leitura do diário “Minha Vida de Menina” de Helena Morley, por suscitar um interesse muito grande na figura surpreendente da menina.

Sua formação, sua vida escolar, seus laços de família e, sobretudo, as expectativas femininas, que perambularam pelo Diário e que a fizeram uma representante do seu tempo.

Assim é que o Diário, escrito por Helena Morley, acabou por se transformar no meu objeto de pesquisa, nestes anos de graduação, pois fundamentou e exemplificou um processo de formação adolescente, através de um cotidiano de fortes heranças escravocratas e calorosas relações familiares, numa emperrada cidadezinha do interior de Minas Gerais.

Usando-o como fonte, procurei fazer uma articulação da Literatura com a História da Educação, que possibilitasse entender os processos de formação e constituição da menina, numa sociedade de época onde papéis sociais sexuais estiveram claramente definidos.

Além disso, a Literatura, quando aplicada às questões educacionais, pode fornecer o veio de onde garimpar a força das mentalidades, através dos sentimentos, crenças e atitudes que impregnam a existência social de um indivíduo dentro das micro e macro relações em que está inserido e que, solertes, conseguem atravessar séculos.

O Diário fornece pistas bastante convincentes desse processo de formação, quer na presença do androcentrismo, em torno do qual giram as mulheres da família, quer nas falas e atitudes femininas, no desvelo dedicado aos filhos, no exercício dos rituais religiosos, nas brincadeiras e, sobretudo, na forte representação de classe, ainda impregnada pelos resquícios da escravidão.

Uma sociedade de preconceitos acirrados, de “negrinhos” e “negrinhas”, de analfabetos e, principalmente, uma sociedade que salvaguardava a distância entre brancos e pretos, ricos e pobres.

Encontramos no Diário, as peripécias empreendidas pela menina pobre na escola que tanta graça nos proporciona e suas grandes dificuldades em “fincar o pé” numa profissão (o Magistério) que, na época, significava apenas um tempo de espera...

2 O DIÁRIO:

“Um livro que nasceu clássico”

Essa foi a definição que o professor Alexandre Eulálio usou na apresentação do “Minha Vida de Menina”, escrito por Helena Morley, em novembro de 1959.

Acerca das polêmicas geradas em torno da idade da autora ao escrevê-lo, Guimarães Rosa rebate forte e de uma vez só que “não conhecia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância”. Uma palavra desta basta para uma iniciante como eu!

Uma vida...uma obra...um clássico!

Helena Morley, mineira de Diamantina escreveu seu diário no período compreendido entre os anos de 1893-1895.

Registrou, ali, suas emoções, seu dia-a-dia, suas relações, enfim, suas vivências, com tamanha fidelidade que, ao lermos os episódios de sua vida, “saltamos” o tempo e nos sentimos de pés descalços correndo livremente, brincando, conversando, “na flauta”, numa infância bucólica amparada por calorosas relações familiares e, protegidos pelo interior geográfico das serras de Minas Gerais.

A história vivida pela menina se passa no início dos tempos republicanos, numa região cujas tradições do império não estiveram totalmente ausentes.

Um Brasil atrasado, lançando as bases de um desenvolvimento que o resgatasse da condição humilhante de subserviência, miséria e analfabetismo presentes na sociedade da época.

Até por volta 1930, a economia agrária caracteriza o Brasil, com um pequeno hiato na fase de mineração, viés ao qual se agarra firmemente a família de Helena Morley e que justifica suas grandes dificuldades na luta pela sobrevivência.

Se passarmos uma “vista d’olhos” pela história, acharemos um recuo no tempo de quase um século, levando-se em conta que a faiscação, na extração do ouro, acabou por se transformar em atividade de mera subsistência, dado o esgotamento do solo. Era achar uma ou outra lasca do metal nos muitos desbarranques que, lentamente erodiam as terras ácidas do antigo Arraial do Tijuco.

“...Depois que acabamos de jantar e que meu pai e tio Joãozinho despacham os trabalhadores, a coisa que mais gostamos é ficar descalços, com o pé no molhado, subindo e descendo o desbarranque da larva, procurando diamantinhos e folhetas de ouro. Diamante é raro achar...” e “...a larva não tem dado nem um diamantinho olho de mosquito” (pg.23) diz a menina desconsolada, já prevendo sérias dificuldades futuras.

2.1 A Diamantina dos Morley:

A família navega na contramão do processo econômico que caracteriza aquele tempo histórico. Na verdade, o período até 1930 é marcado pela formação e desenvolvimento da poderosa burguesia cafeeira que vem em ascensão desde o Império.

Assim sendo é de se supor que, por volta de 1930, a população se concentrava nos campos, na sua maior parte.

Ainda não era chegada a época da efervescência. Por isso a Diamantina de Helena Morley ser ainda tão fervorosa e acanhada em suas poucas ruas e crianças ao largo.

O processo de urbanização viria “a posteriori”, na rabeira das indústrias que alavancariam a população dos campos para as cidades após 1930, já dentro da era Vargas, período este que ultrapassa os limites do diário.

Assim sendo, voltemos à sociedade real em que se constitui a menina, dentro da pacata cidade interiorana, que desconhecia totalmente os benefícios e confortos que a ideologia desenvolvimentista iria, posteriormente, trazer.

Tomemos como exemplo as relações de trabalho, que permeiam e atormentam a existência dos Morley, em torno da extensa família patriarcal, liderada pela avó, ao redor da qual, pululam como gafanhotos, parentes, dependentes, agregados, ex-escravos e, ainda, os pedintes que, ora ou outra, beliscavam uns “borrusquês” (espécie de “vale” para o armazém):

“hoje tive o maior espanto de minha vida. Vovó, todos os sábados, manda um de meus irmãos ao Palácio, que é perto da chácara, trocar uma nota por um borrusquês do Bispo. Põe tudo numa caixa de papelão e fica sentada na sala de jantar, à espera dos pobres dela. A cada um dá um borrusquê novo de duzentos réis. São elas Chichi Bombom, Frutuosa Pau-de-Sebo, Teresa Doida, Aninha Tico-Tico, Carlota Pistola, Carlota Bostadanta, Teresa Busca-Pé, Eufrásia Boaventura, Maria Pipoca e Siá Fortunata. Estas são as que entram, sentam com vovó na sala de jantar e contam suas misérias...” (Pg.29)

E quantas misérias, por certo, estas criaturas teriam que desfiar para comover o coração cristão e piedoso de Dona Teodora!

Olhando para o nome dos pedintes, identificamos logo, muito mais que o abandono da criatura pelo Criador, a exclusão econômica dolorosa de um segmento social: mulheres pobres...pejorativamente pobres... analfabetas... desvalidas... bem ao gosto da perversidade que caracteriza as questões de classe, embutidas na piedade cristã.

Assim, Dona Teodora dispunha de oportunidades esplêndidas para demonstrar seu poder de fogo e abastança.

Isso atraía, naturalmente, o séquito religioso de padres e Bispos que não economizavam bênçãos à sua generosidade e, também, à fartura de sua mesa levando-se em conta os inúmeros leitões assados e vinhos do Porto com os quais eram obsequiados, à revelia dos seus votos de penitência e pobreza.

Se quem dá aos pobres, empresta a Deus, na lógica da menina, *“ela já deve ter no céu um dinheirão guardado...”* (Pg.29)

Esse espírito agudo a menina vai fortalecendo devagar, na observação e elaboração de seu juízo, às voltas de uma família numerosa, cheia de histórias e acontecimentos que contribuíram para sua formação.

A questão do trabalho era delicada naquela Diamantina dado o legado escravocrata bastante recente. Fazia somente cinco anos que ocorrera a abolição da escravatura. Helena nos conta:

“...Eu ainda me lembro quando chegou a notícia da Lei de Treze de Maio. Os negros todos largaram o serviço e se ajuntaram no terreiro, dançando e cantando que estavam livres e não queriam mais trabalhar. Vovó, com raiva da gritaria, chegou à porta ameaçando com a bengala dizendo: “pisem já de minha casa pra fora, seus tratantes! A liberdade veio não foi pra vocês não, foi pra mim! Saiam já!” Os negros calaram o bico e foram para a senzala. Daí a pouco veio o Joaquim Angola em nome dos outros pedir perdão e dizer que todos queriam ficar.” (Pg. 211)

Dessa forma, muitos ficaram (ainda que livres) a serviço de seus patrões. Não restava outra alternativa. Em Diamantina, muitos eram os “alugados” que tratavam da execução de tarefas pesadas ou aquelas consideradas menos dignas do cidadão branco.

Coisa que escandalizou deveras as “Cunhas”, quando a mãe de Helena propôs a contratação dos seus irmãos (Geraldo e Anacleto) para auxiliarem seu marido no trabalho de mineração.

“As mulheres ficaram espantadas e meu pai teve que explicar que mamãe estava distraída e pensou que eles também eram negros” (Pg.48)

Na lógica das “Cunhas”, as mãos brancas de seus irmãos não estariam para bateias de “negros”, ainda que fossem as mãos do ócio.

Continuava a existir o lugar dos brancos e o lugar dos negros e que estes não deveriam ser audaciosos a ponto de prescindir deferências. Foi o acontecido com o pobre do Emídio que, ao subtrair a titulação de um “figurão” local, teve sua cabeça quebrada e, ainda por cima, ainda teve que ouvir:

“Gostei de ver. Com mais alguns você aprenderá a dobrar a língua para os brancos, negro sem vergonha.” (Pg.104)

O estrangeiro tem um olhar mais agudo para este ponto.

A família de Helena, apesar das grandes dificuldades pelas quais passava, dispunha de uma análise mais crítica, que corria na contramão da tradição local, através do código protestante e inglês do pai. Este enxergava a questão do trabalho com olhos que a Diamantina daquele tempo não conseguia, ainda, vislumbrar.

2.2 O pai inglês protestante:

O protestantismo eclético do pai, acha inaceitável a desqualificação do trabalho.

“Meu pai não deixa meus irmãos ficarem sem trabalhar, dizendo que o trabalho só é desonra aqui, porque só os escravos é que trabalhavam e que onde não havia escravos o trabalho é honroso...” (Pg.322)

Muito antes do pai de Helena, Ina von Binzer (1881), em suas andanças por aqui, também disparou, estupefacta, sua crítica ácida, à pouca cerimônia com que os brancos lidavam com a questão do trabalho:

“Todo trabalho é realizado pelos pretos, toda riqueza é adquirida por mãos negras, porque o brasileiro não trabalha e quando é pobre, prefere viver como parasita, em casa dos parentes e de amigos ricos, em vez de procurar ocupação honesta.”

Assim é que vamos encontrar Fifina instalada na casa de dona Teodora vivendo “uma vidinha de ouro” segundo a menina.

Por outro lado, na cidade, a vida caminhava na sua modorra e carolice; centrada em mecanismos de cortesias, conversas e agrados entre vizinhos.

Sem médicos que tratassem as pessoas, a prática de purgantes limpava os intestinos e, as rezas e promessas chamavam a atenção de Deus.

O resto era por conta de sua própria resistência e, caso “batesse as botas”, Helena teria ainda uma vantagem a mais: poderia contar com o céu dos ingleses, um céu diferenciado, branco e não africano conforme predissera seu pai no ano de 1893.

O céu dos ingleses... “...é para lá que você também vai, que é o céu dos brancos e não dos africanos.” (Pg. 104)

O céu dos ingleses é céu de branco, como dizia o pai de Helena.

Ali seria o lugar da glória resplandecente, ao abrigo do Senhor, no descanso eterno das labutas insanas propostas pela Providência na Terra.

Buscando a origem deste pensamento, acerca de uma existência calcada na teoria da recompensa, acabamos por dirigir nossas especulações à ética protestante do pai da menina.

O espírito da vocação, do método, do cumprimento parcimonioso das obrigações, da subordinação às eventualidades se fundam na esperança de um reconhecimento, se não nesta, ao menos em “outra” existência.

Por outro lado, acolhe o espírito da menina na segurança do seu lugar garantido, dada sua condição branca de descendência inglesa e, também, acata uma certa desculpa frente às intempéries e pouca elasticidade do pai no seu papel de provedor.

Se, apesar dos esforços constantes, não conseguisse retirar da terra os diamantes necessários que assegurassem à família a fartura da mesa e o viver “à larga” do seu cunhado, que não se queixassem, pois como dizia a mãe, à vida de sofrimentos sobrepe-se a recompensa divina.

A promessa de um céu para brancos ingleses fornece a dimensão exata da discriminação racial e pouca cerimônia com as relações de trabalho dos outros.

Ao céu dos ingleses não teriam acesso as negras de tabuleiro das portas do teatro, os “moleques”, o Emídio, a Rosa, todos descendentes de ex-escravos que pululam nas páginas do diário.

Se o trabalho, na lógica protestante (da época) constitui a própria finalidade da vida, o traquejo moral que corrige e apara desvios, ninguém teria tido maior infelicidade do que os negros, no impedimento de sua entrada neste céu de descanso eterno e delícias reparadoras das tragédias terrenas.

A menina astuta e observadora aprende a tirar de situações tão diferenciadas, sua crítica, seu juízo, num cotidiano pontilhado de relações.

Assim sendo, toda a trajetória dos Morley está de acordo com os princípios da ascense, pois num final feliz, todas as tormentas e sacrifícios foram reparados e, segundo SCHWARZ o *“equivoco da natureza que fizera moças com talento nascerem numa posição de poucos meios”* fora corrigido pela herança destinada à mãe da menina e, principalmente, pela entrada do pai no mundo real do trabalho, na nova ordem econômica que se iniciava no país.

Somente nos primeiros anos da década de vinte, com um modesto projeto de industrialização, que deslocaria o eixo dos campos para as cidades, é que as novidades chegariam depressa. Mesmo assim, estes sinais chegam através da instalação do telégrafo, o sorvete, o sonho da estrada de ferro. Apesar da população *“meio à margem das luzes”* não perceber direito suas finalidades. Para ela, aquelas *“benesses”* ressoavam mais como vitrine dos ricos para embasbacar os pobres.

Todavia, lentamente, um certo anseio resgatador da miséria, fazia a educação depositária da esperança para aquele segmento pobre e desvalido.

3 A FORMAÇÃO:

A Diamantina de Helena Morley, apesar de herdar certo *“agarramento”* às tradições do Império (o exercício religioso exacerbado, a forte discriminação aos negros, a dieta sertaneja dos tropeiros à base de arroz, feijão, toucinhos e angus) apresenta, por outro lado, lentas formas de renovação dos costumes.

Segundo SCHWARZ (1997), *“um processo pouco uniforme de redefinição das relações sociais anteriores, sempre envolvendo alguma superação das relações escravistas.”*

Afinal, considerando a época, em quais outras circunstâncias poderíamos encontrar um menino branco, contratado como professor a dez mil réis por mês, para ensinar filhos de *“uma família de negros limpos e bem educados”*?

As mentalidades estavam em processo inicial de mudança. Ainda que para a decisão do menino, a falta de compradores para suas bengalas e vassouras tenha sido o fator principal na aceitação do trabalho.

Mesmo assim, é inegável por parte do segmento discriminado, a crença na função restauradora da educação que, no imaginário, contribuiria, a longo prazo, para o resgate da pobreza analfabeta.

Para isso havia de ter disciplina e controle, até porque o analfabetismo passa a ser motivo de vergonha e mais uma forma de discriminação.

A cultura letrada é valorizada e a “vontade no estudo”, assegurada por uma eficiente varinha de marmelo. Assim é que quando Renato (o professor) chegava, *“já encontrava Margarida (a mãe dos meninos) à espera dele, com a vara de marmelo em cima da mesa, e a meninada olhando para os livros sem se mexer.”* (Pg.332)

“Rastreado” o livro vamos encontrar vários indícios da nova mentalidade em germinação. Principalmente quando a menina coloca sua inteligência a serviço da crítica questionadora dos costumes herdados da ex-colônia.

Credíces e superstições são facilmente desmontadas pela lógica da menina: se o ladrão ao ser apanhado vira cupim, porque não trancafiá-lo diretamente na cadeia? Assim, quando “desvirar” estará no seu lugar. Tão simples! Ou mesmo a desconfiança numa procissão em que as cabeças dos santos foram trocadas: “mais parecia um carnaval”.

Como diz o professor Roberto Schwarz “Quando Helena usa da inteligência para lidar com a estupidez, assistimos encantados a vitória das luzes” (pg.101)

A esperteza de Helena passa pela influência do pai. Filho de inglês protestante, um tanto céptico com os excessos religiosos da família, vai, com sua postura, corrigindo e aparando as “arestas” da menina.

Meio distante, por conta das atividades de mineração que o distanciava do convívio familiar, introduziu em Helena o costume da escrita:

“Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações.” (Pg.68)

O pai permeia a sagacidade da menina através da sua lógica e racionalidade que se contrapõe às beatarias e tagarelices de um povo ignorante, supersticioso, agarrado às batinas dos padres em infindáveis rezas, novenas e pecados. *“Vocês confessam tanto, rezam tanto, que há de chegar um pouco para mim também”*, dizia ele.

Considerando suas ausências prolongadas, quando sugere o uso do diário à filha, está, discretamente propondo uma forma de controle, prendendo a menina em casa, evitando “bate pernas” e” de certa forma, segurando a menina sob suas vistas de pai.

Mantém a família unida à sua figura. A esposa em estado de permanente paixão pelo homem da casa. Sem um pio, uma queixa que pudesse aborrecê-lo. Sempre contornando as dificuldades e apostando na ajuda divina, que suplantasse os sofrimentos da vida.

As mulheres da família de Helena, só tinham olhos para seus maridos, numa atitude de entrega e devoção absoluta, justificada pela herança androcêntrica da sociedade patriarcal da época, que serviria ainda, por muitos anos, para conter arroubos de liberdade feminina.

“Tudo o que sai do natural escandaliza, minha filha” (Pg.319)

Um modelo de comportamento típico da mulher do século XIX, marcado pelo contexto da época.

Segundo MORENO (1986), a sociedade em que vivemos, dita a imagem que projetamos. É ela que determina como devemos ser, como nos comportarmos, nossas possibilidades e limites e, principalmente, é essa mesma sociedade que constrói modelos diferenciados de conduta para meninos e meninas.

3.1 O diário na formação da jovem mulher:

Considerando a época, a mulher foi sofrendo um longo processo de domesticação que a colocou no seu lugar de esposa, zeladora de sua família.

As contribuições para este ajuste não foram poucas. Passaram pela Igreja, para quem os papéis da mulher e do homem sempre estiveram claramente definidos, pelos mecanismos reguladores da sociedade e pela própria mulher, no embalo de seus sonhos “cor-de-rosa” com o casamento.

Assim vamos encontrar essas diferenças bastante marcadas na sociedade, já quase fazendo parte de um processo histórico de formação de mentalidades.

Neste sentido, o uso do diário pelas mocinhas do século XIX, “cai como uma luva”, clareia a memória e *“dão-nos também, e sobretudo, o testemunho dum tempo e dum meio, somando ao relato de casos pessoais e familiares e de acontecimentos históricos e políticos.”* (ROCHA, 1992)

Por quê o uso do Diário? Deixemos Helena contar:

“Cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu caderno o que penso ou vejo acontecer.” (Pg.68)

Helena vai usar o diário como fonte autobiográfica. Ali constarão os relatos de sua vida, os testemunhos que revelarão as condições de existência, não só do seu grupo familiar mas, também, de toda a cidade de seu tempo.

O estilo que marca o diário é o tom da confiança entre o “eu” e o seu “amigo” mais íntimo (o caderno de notas) e o conflito da contradição entre o falar e o guardar segredo.

A dúvida de Helena para admitir a surra que levou na escola da colega Lalá atesta a inquietude deste conflito:

“Eu não devia pôr no meu caderno o que aconteceu hoje. Mas todos os professores viram e é bom que eu deixe aqui escrito tudo o que houve, desde o princípio.” (Pg. 258)

A escritura de um diário parte de uma necessidade de comunicação consigo próprio e com os outros, posteriormente, caso haja a quebra do sigilo e confiança que o caracteriza.

No caso de Helena, atendendo aos conselhos do pai, teve seus conflitos resolvidos, sem brigas e confusões, no isolamento das escrituras diaristas. Conversou e chorou consigo própria: de Helena para Helena e de Helena para as netas, muitos anos depois:

“Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios da minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições – coisas que a fortuna não traz e muitas vezes leva.” (Pg.14)

Com a publicação, o texto que um dia foi privado, passa ao público, ao coletivo. Por isso que ROCHA (1992) nos diz que *“a prática diarista, é, assim o lugar dum duplo movimento de interiorização e exteriorização”*, podendo o diário perder seu caráter intimista pela vontade do autor ou de outrém (justificada por uma ou outra finalidade) ao ser, evidentemente, publicado.

No entanto, caso Helena hesitasse em trazer à luz o sabor de sua infância, como poderíamos, leitores que somos, compactuar daquele cotidiano vivo, colorido, cheiroso, do interior das Minas Gerais?

Mesmo quebrando a intimidade, a narrativa do texto é tão pitoresca, que acolhe o leitor num pacto intimista: lemos e “ouvimos” Helena Morley contar suas histórias, “sentimos” o cheiro do toucinho fritando, “escutamos” suas correrias barulhentas. Mantém assim um “efeito de intimidade”, um canal de comunicação que vem dela para nós diretamente.

Segundo Beatrice Didier, a prática e o desenvolvimento do Diário, liga-se a três fatores principais: o capitalismo, o individualismo e o cristianismo.

Liga-se à imagem do capital no sentido do registro metódico da acumulação (de fatos, pessoas, situações...), tornando-se, portanto, um tesouro a ser protegido. (DIDIER, 1976 apud ROCHA, Clara, 1992,pg.16)

A própria Helena diz: *“Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas andaram anos e anos guardados, esquecidos...”*. Na verdade os escritos estiveram, nestes anos todos, rendendo os juros das reflexões, dos valores de uma sociedade de época que, ao emergirem à luz dos novos tempos, puderam proporcionar o retrato daquele período.

É como ROCHA (1992) justifica a questão do “capital” no Diário: *“...Porque o diário é também uma forma de poupar e acumular valores: reflexões, achados literários, recordações pessoais e memória de um tempo coletivo. Todos esses bens podem ser utilizados mais tarde, noutras obras.”*

Além do Capitalismo, DIDIER (citada na obra de Clara Rocha), aponta o Cristianismo como um dos fatores de influência nas escrituras diaristas. Ora, este matiz religioso, é o que mais se verifica no diário de Helena Morley.

O recolhimento, as contrições, as inúmeras “Ave-Marias”, as comunhões, promessas, procissões, jejuns...um longo purgar.

Tudo isso assentado nos registros do Diário, faz dele um ato de contrição “resgatador” dos pecados cometidos.

A escritura faz uma catarse, é o “bode expiatório”, se transforma num exercício depurativo do espírito desejoso de purificação e absolvição. Por outro lado, há a influência protestante paterna: se para o catolicismo trata-se de ato de contrição, para o protestantismo trata-se de fomentar a reflexão diária sobre a conduta. Segundo WEBER (1999), para os protestantes cada fiel é responsável por sua salvação, a condenação ou a salvação só dependem de ações próprias. Há que se considerar, para Lutero o importante não é a absolvição; o importante é não pecar.

E, finalmente, o diário centra-se no “eu” que conta, escreve, interpreta e conclui. Apresenta, até uma função terapêutica muito bem observada pelos astutos olhos do pai, quando propôs à menina sua escritura.

É de um individualismo exacerbado que “no fundo” culmina numa necessidade de auto conhecimento ou reconhecimento. Afinal para quê se escreve um diário, senão para o confronto futuro do que se foi com o que se tornou?

A própria Helena o faz quando, olhando para trás, vê a alegria pitoresca da pobreza comparando-a com a abundância dos “novos” tempos. Destina às meninas em geral e às netas, muitos anos depois, a sua noção de felicidade que:

“...não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições...”

Onde aprendeu Helena idéias tão vigorosas?

Retomemos seu diário. Como dito anteriormente, a menina se constitui no seio intrincado das relações familiares, da devoção exagerada, de pouco trabalho. Neste sentido, a magnitude da figura paterna sofre um certo descrédito por parte da menina que vê, a todo momento, as sutis colaborações da avó e da “parentada” com almoços e jantares que, por certo, deveriam amenizar os custos da família.

3.2 Casadas e solteiras:

Não consta no diário que Helena exercesse alguma atividade remunerada. Ao contrário de seu irmão Renato que andava pelos matos, armava arapucas, lançava caniço, comercializava, fazia tabuleiro de doces, punha “venda”, enfim aprendia, desde cedo, a dureza para se conseguir o sustento. Como homem que era, ia através de biscates, construindo sua identidade masculina.

Helena lavava, passava, areava e “batia pernas” como ninguém. Aprende e tira partido rapidamente (ganhando fama de inteligente, astuta e pertinaz) das carolices, dos ridículos de autoridade, dos preconceitos, da ignorância, das superstições, etc.

Vem também da família e do seu cotidiano sutis influências na sua formação feminina: o cuidar de casa, o acalento de bebês, as lições das tias inglesas sobre economia e educação de uma moça civilizada, a devoção das mulheres da família pelos seus maridos e filhos:

“Ninguém na família se preocupa consigo. Todas as minhas tias só se ocupam dos maridos e dos filhos. A pessoa delas não vale nada.”(Pg.225)

Veja, ainda, o depoimento da mãe de Helena:

“Você verá quando for mãe. Você não sabe o ditado: “Desde que filhos tive nunca mais barriga enchi?” É a pura verdade. Minha vida são vocês e seu pai.” (Pg.225)

A mulher destinada ao casamento, à constituição e cuidados da sua família, à entrega absoluta do seu “eu” na mais pura devoção. A “Eva-Maria” cumprindo sua sagrada missão da maternidade que, na época, segundo LOURO (1997, pg.454) constituía a “verdadeira carreira feminina”.

Acharemos bem poucas opções de mulheres trabalhadoras no diário, excetuando-se as mulheres negras, cujos resquícios da escravidão ainda lhes permitia o arranjo de doces e salgados em tabuleiros. Com isso podiam angariar poucos cobres à sua parca existência.

Vamos encontrar uma representação mais forte da mulher e do trabalho na figura da tia inglesa professora.

Ali, a formação protestante e a “solteirice” contribuirão eficazmente para o desempenho de sua função no magistério. A professora solteirona. A que não casou, a que ficou na contramão do processo feminino. Deve ter sofrido bastante a sua tia Madge, na Diamantina daqueles tempos! Imagine sua educação britânica frente às cusparadas no chão, os piolhos na cabeça... Por isso a preocupação constante em dar à Helena noções de civilidade, educação, economia, postura.

“...Ela sempre aproveita para falar na falta de educação dos outros e eu vejo que é só para me ensinar. Falou da gente que cospe no chão, coça a cabeça na sala e interrompe os outros quando falam. No jantar ela disse que a gente não deve empurrar o prato do lugar; a gente bebe a sopa e fica agüentando o prato na frente até a criada tirar. Também não se deve palitar os dentes na mesa.” (Pg.33)

A propósito da economia, veja como Madge administrava e mantinha o controle rigoroso de suas finanças e até mesmo do sono da empregada!

“...pegou a lamparina de querosene, pôs um pingo dentro e disse: “Se eu puser mais, a Marciana deixa a luz acesa enquanto tiver querosene. Eu pondo pouco, ela dorme e este chega bem.”

Colocou três palitos numa caixinha de fósforos e disse: *“Se eu puser um pode negar, dois também podem falhar, mas três não é possível, por isso eu deixo três.”* (Pg. 33)

E a avó admiradíssima, aconselha a neta:

“Veja que mulher extraordinária é a sua tia: Por isso é que ela com os oitenta mil réis da escola vive tão bem...É o segredo dela, minha filha: aprenda tudo e não perca nada.”(Pg.33) E a menina vai aprendendo as lições.

Na verdade a avó chama a atenção da menina para o senso econômico e prático da tia. Lições importantes na administração de uma casa e família. O tom pega a profissão pelo depreciativo e, por outro lado, justifica a existência da pobre mulher que, ao ter sua maternidade negada como “solteirona”, dedica-se, pacientemente, à educação dos filhos dos outros como se fossem seus. Para LOURO (2000):

“Essa representação de professora solteirona é, muito adequada para fabricar e justificar a completa entrega das mulheres à atividade docente, serve para reforçar o caráter de doação e para desprofissionalizar a atividade. A boa professora estaria muito pouco preocupada com seu salário, já que toda a sua energia seria colocada na formação

de seus alunos e alunas. Estes constituiriam sua família; a escola seria o seu lar e, como se sabe, as tarefas do lar são feitas gratuitamente, apenas por amor. De certa forma essa mulher deixa de viver sua própria vida e vive através de seus alunos e alunas; ela esquece de si.” (Pg.466)

Dá até para imaginar a professora “solteirona” de vestido sóbrio, cabelo amarrado, postura ereta de comando, disciplina, ordem, varinha de marmelo na mão, impondo logo sua autoridade.

Esse jeito de professora “dura” é que impunha a disciplina e que, de uma certa forma, era cultivado na formação das mulheres professoras. Afinal, sua frágil natureza feminina, sujeita a desvarios sentimentais, precisava de um controle eficiente de si mesma, caso contrário não conseguiria manter “n“ cortado” ” disciplina de seus alunos.

Este “jeito” disciplinador era deveras apreciado numa professora. Coisa que Helena não tinha e que, para sua desgraça, a conduziu para um retumbante fracasso na tentativa frente a uma classe. Vejamos alguns trechos de sua malfadada experiência:

“Desço a ladeira e entro na escola. Pergunto a um menino dos maiores como devemos começar. Levantam-se todos ao mesmo tempo e dizem que é preciso cantar o hino. Mando cantar. Todos cantam sem ordem e tudo desentoadado. Mando parar no meio, batendo com a régua na mesa:

- Chega! Não precisa mais! Os meninos já vão vendo a professora que têm.”

(Pg.277)

A bagunça toma conta da classe. Helena não agüenta, não tem “pulso”. Foge desesperada em busca da tia professora, buscando consolo: *“gosto de trabalhar, de fazer qualquer serviço, mas obrigações de ensinar menino burro e malcriado e ser escrava da hora, já vi que me é impossível.”*

A tia não aceita desculpas nem choramingas. Manda a menina de volta para a classe. Afinal, que professora é aquela? Retorna para a sala de aula. Tenta seduzir os alunos com caramelos. Roubam-lhe os doces, num átimo, rápidos como raios! Helena desconsola.

Dirige aos céus olhares abnegados de súplicas. Promete, em pensamentos, terços e novenas pelo silêncio da classe. Nada! Siá Donana com pena da menina:

“Ela é tão novinha e vir lidar com os meninos mais danados de Diamantina. Estes, só mesmo Dona Madge pode com eles. Ela tem um modo, que a gente tem de ter respeito dela. (Pg.283)

Que modo era esse que conseguia impor tanta admiração?

O lastro da profissão, que mesmo com seu baixo salário, proporcionava à tia Madge o que as outras não tinham: a instrução e recursos para prover seu próprio sustento. Em resumo, a palavra seria independência.

Se, por um lado a representação da professora “solteirona” estava ligada ao seu fracasso como esposa e mãe, por outro lado, dada sua condição profissional, abriam-lhe as portas da rua, alargavam-lhe os espaços e segundo LOURO, “*essa mulher compartilhava de algumas prerrogativas masculinas.*” (1997, pg.81)

Vasculhemos um pouco mais a história de Tia Madge e de suas irmãs. Helena vai nos contar:

“A família do vovô inglês é a família mais bem organizada que eu tenho conhecido. Ele teve muitos filhos e depois de criados entregou a cada irmão uma irmã para cuidar e sustentar. ... Quando fizeram Escola Normal aqui em Diamantina tia Madge tinha perto de quarenta anos. Assim mesmo ela entrou para a Escola e tirou o título. Mora com tia Ifigênia e tia Cecília, que são boas modistas e no tempo das frutas vão todas para a fazenda fazer marmelada e goiabada. A “goiabada das inglesas” é apreciada até no Rio de Janeiro. Tia Neném nunca saiu da fazenda e vive a vida inteira doente, coitada. Madrinha Quequeta também invejou tia Madge, entrou para a Escola depois de velha e já está na Santa Maria ganhando dinheiro...”(Pg.79-80)

3.3 Casar ou dar escola?

O motivo que levou o avô inglês a despachar tão prontamente suas filhas, Helena não conta. Podemos, apenas, levantar suposições.

Quem sabe, com isso já não tivesse selado o destino das criaturas. Talvez, desanimado frente à idade que ainda as mantinha solteiras, cuidasse mesmo de destinar aos irmãos a responsabilidade pela sua sobrevivência. Em outros tempos provavelmente teriam sido trancafiadas num convento.

Não contava o avô com a sagacidade de uma delas que vislumbrou uma solução, uma saída de existência, que a tiraria da condição de fardo a ser carregado por outrém.

Visualizou os estudos: a Escola Normal.

Uma bela prerrogativa para o seu caso. A possibilidade de exercer um trabalho remunerado, bem como as qualificações de uma professora e a legitimidade social atribuída à profissão, abriram para a “quarentona” novas oportunidades de vida.

Não teve que engrossar a fila dos “agregados”, dos “encostos” apenas tolerados pelas famílias de origem patriarcal brasileira.

No exercício da sua profissão consegue não só a emancipação econômica mas, sobretudo, a abertura das “portas” da rua!

A autonomia do magistério dava o lastro que conduzia aos caminhos do mundo exterior, fora dos limites do lar e dos ranços de família. Até porque se não existiam possibilidades de trabalho para uma mulher casada, que dirá para uma mulher solteira!

Assim é que a Escola Normal vem desempenhar um papel fenomenal numa cidade interiorana como Diamantina . Mais que formar professoras, a Escola Normal vai retirando, pouco a pouco, a mulher do “enclausuramento” histórico a que estivera submetida até então. E mais ainda: se considerarmos a profissão de ensinar, vamos encontrar outras mulheres, as preceptoras, que largaram, inclusive, suas terras e cruzaram mares, aportando por aqui bem antes de Helena Morley. A profissão abria este precedente e as mulheres souberam aproveitar e tirar partido, assim vamos encontrar Ina von Binzer, Agnes Grey...

Não é mesmo extraordinário, se considerarmos a época e suas mentalidades?

Mas, Helena não teve a “vocação” para o magistério. A Escola era uma mera contingência. Estava ali em Diamantina, era gratuita e as moças estudavam. Enrolava nos estudos, “colava” nas provas, ludibriava um ou dois santos com promessas: era “uma pra lá”, “outra pra cá” e passava de ano, mais pela tolerância de seus professores que pelo esforço do conhecimento! Helena não seria o exemplo adequado para Agnes Grey, que como preceptora, apregoava não se poder ensinar coisa alguma “*sem um mínimo de esforço da pessoa que aprende*”.

“*Para ensinar menino burro a ler meu preparo é suficiente*”, justificava ela. Além do mais, “*quem sabe se eu também quando ficar moça, não vou encontrar um rapaz de quem eu goste e não vou ter precisão de dar escola?*”

“Isto é o que vai ser o mais certo”, lhe responde Júlia (a professora que estava desistindo do trabalho em função do casamento).

Com este comentário, Júlia assenta o espírito da menina. Arrumar um marido era o certo, o casamento era o certo, ter filhos era o certo. A rota que toda moça deveria almejar em sua vida saía da casa para o altar.

Trabalho fora, era coisa para homem. Quando muito, à mulher destinavam-lhes atividades mais apropriadas à sua natureza calma e singela. Os trabalhos de agulha, de forno e fogão, costura – os que conduziam ao exercício do lar. Até porque não tinha onde mulher trabalhar, segundo depoimento de uma professora aposentada (D. Elza) dado à pesquisadora Jane Soares de Almeida. (ALMEIDA, 1998)

Ser professora para a mulher significava o único trabalho, tolerado pela sociedade, fora dos limites do lar, até o casamento.

Helena não estava disposta aos embates da sobrevivência e também nem um pouco entusiasmada em percorrer a mesma trilha de sua tia inglesa.

Frequentou a Escola Normal sim, chegando até mesmo a ser professora, apenas por uma contingência. “*A simples obrigação de ficar sentada, sendo indispensável aos estudos, é um sacrifício para quem gosta de bater pernas.*” Helena apostava: caso precisasse exercer a profissão, seria até o casamento! Coisa que não era de se estranhar na época e que perdurou ainda por muitos anos, contribuindo para aquela representação pejorativa do “espera marido” dada à carreira do magistério.

A professora Noemia Veiga de Barros, aluna da Escola Normal Secundária da Capital, entre 1909-1913 (muito tempo após o diário de Helena Morley) diz acerca das moças que frequentavam a Escola Normal de seu tempo:

A maioria era de classe média, mas nem todas que se formavam foram trabalhar. Algumas se casaram muito bem e não precisavam trabalhar. Ficaram tomando conta de casa” (ROCHA,1999, pg.144)

Essa postura traz à baila, a representação da profissão construída ao longo dos séculos: de caráter essencialmente feminino, voltada ao casamento. Homem não estava na profissão. Historicamente vamos buscar esta interpretação na transformação da economia rural para a industrial urbana, onde as chances de emprego e melhores salários retiraram os homens das salas de aula, deixando-as para as mulheres que, ano após ano, passaram a constituir sua maior expressão.

No entanto, segundo ALMEIDA (1998), os homens ainda continuaram no Magistério por um bom tempo, embora estando em minoria, até porque, segundo ela, o mercado de trabalho ainda dando seus primeiros passos, não oferecia tantas possibilidades assim, principalmente para alguém intelectualizado e detentor de um prestígio e consideração social, dado pela profissão.

Ser professor ou ser professora ainda fornecia algumas prerrogativas vantajosas diante da sociedade, como a admiração e o respeito por exemplo, apesar do salário aquém deste prestígio.

Assim é que vamos encontrar a maioria dos professores da Escola Normal frequentada por Helena, homens: Teodomiro, Catãozinho, Artur Napoleão, Sebastião, Artur Queiroga, Antonio Eulálio...

A entrada das mulheres no magistério se dá ao longo do século XIX de uma forma bastante interessante: segundo LOURO (2000), *“pela ampliação da escolarização a outros grupos ou, mais especialmente, pela entrada das meninas nas salas de aula.”*

Mas, estes acontecimentos foram bastante tumultuados e vozes se levantaram contra a presença feminina, baseadas no rígido pensamento científico, onde

“cérebros pouco desenvolvidos”, dada a “limitação” do seu uso, pudessem estar à frente da educação das crianças.

“...A luta entre os sexos, na vida pratica, está iniciada. Ao excesso de clausura doméstica, responde agora outro excesso, muito mais grave, muito mais funesto em seus múltiplos consequentes – o do brilho nas carreiras até hoje reservadas ao exercício da actividade masculina. A missão da mulher, missão de carinho, de bondade, de amor, santificada pela veneração geral e pelas bênçams divinas da vida affectiva, vae se despojando nessa marcha insensata a pouco e pouco de seus privilegiados attributos. ... O doutoramento das moças, nas condições actuaes, occasiona serio desequilibrio na organização domestica. Provém esta anomalia de um facto simplicissimo – o esquecimento dos deveres do lar...”¹

Todavia, outras possibilidades aparecem para “defender” o exercício feminino da profissão. Aquela que já é dotada pela própria natureza para conceber e criar, já de antemão, abrigaria no seu íntimo as condições necessárias de afeto, dedicação, amor, despreensão, espiritualidade que caracterizaria a vocação inerente à profissão. Era só não deixá-la em nenhuma posição de comando, como por exemplo a direção da Escola. Se a Escola seguia as “pegadas” do lar e, neste o “apito” final era do homem, não havia porque a desobediência desta hierarquia.

É impressionante como as representações e mentalidades criadas no social têm forças para atravessarem séculos!

Não raras vezes cheguei a presenciar um certo saudosismo, nos dias atuais, dos famosos diretores homens no comando da escola. Sua presença, sua voz grossa, sua autoridade frente à indisciplina dos dias de hoje. O mais triste disto tudo é que, pensando assim, acabamos por repetir um estereótipo, nos colocando na situação de incapacidade, onde entregando os pontos, clamamos por amparo. De quem?

Se considerarmos o período que o diário abrange (1893-1895), poderemos enquadrá-lo nos índices de 1890, onde 85% da população era analfabeta (SANTOS, 1998).

¹ Artigo publicado no jornal *Cidade de Campinas*, de 12 de junho de 1909

Em 1900 este índice cai para 75% e se mantém até 1920, sofrendo redução em 1925 de 65%. Isso explica a grande admiração da avó de Helena com o traquejo da pena:

“Vovó é muito inteligente mas mal aprendeu a ler e a escrever e por isso fica pensando que é uma coisa do outro mundo contar as coisas com a pena. Engraçado é que ela não se admira de eu contar com a boca. É que ela pensa que escrever é mais custoso.”

A reforma educacional que acontece neste período é de Benjamim Constant (1890), que divide o ensino primário em dois ciclos: 7-13 anos e 13-15 anos com a tônica na alfabetização (leitura, escrita e cálculos).

Ao ensino secundário são adicionadas as disciplinas da corrente positivista que se infiltram no pensamento educacional da época. Com isso acabam criando um currículo muito extenso e propedêutico e, por outro lado, para controlar o acesso de determinados segmentos da população à educação superior, cria-se o ensino profissionalizante, que já nasce excludente e de segunda categoria.

A propósito dos currículos longe da realidade social da época, a própria Helena faz a crítica do excesso de “verniz” tão desvinculado da realidade:

“Acabei de traduzir a fábula de La Fontaine da rã que queria ficar do tamanho do boi e não tive tempo para outras lições. Fiquei pensando porque exigem estas coisas de nós na Escola, se todas ali só estudamos com tenção de ser professora. Que precisão eu teria da fábula de La Fontaine se for professora no Bom Sucesso, Curralinho ou mesmo Diamantina?” (Pg.228)

Helena está ali diante do tradicional conflito “currículo versus realidade prática”, tão discutido nos dias de hoje! Afinal, para ensinar “meninos burros” do Curralinho seu preparo era mais do que suficiente. Ou seja, nivelando por baixo, pois os meninos do Curralinho dificilmente teriam diante de si pouco mais que um par de enxadas para cavoucar seu sustento. De que adiantaria, para eles, o lustro das letras?

Vejamos como Helena consegue “passar” em alguns exames da Escola Normal:

“Se vou fazer um exame, acendo uma vela, queimo a palma e sai um dos pontos que eu desejo.” (Pg.243)

“Eu não sou capaz de me interessar por estudo de Botânica. Prefiro decorar meus pontos, e entrar em exame sem muito trabalho.” (Pg. 249)

“Fiquei no banco de trás, abri o livro e estava copiando o ponto sossegada; quando olho para a mesa, vejo Dr Teodomiro olhando para mim e rindo. Levei um grande susto... Ele percebeu meu sobressalto, tomou um jornal e tapou a cara para não ver.” “Como pode ser tão bom como o nosso professor Dr Teodomiro!” (Pg. 316)

“Só respondo a chamada e passo as aulas fazendo crochê”...sou considerada a menina dos olhos do Seu Artur Napoleão.”

“Catãozinho é outro professor amigo meu. Na prova escrita Clélia me deu o borrão dela e eu copiei...”

Os meninos do Curralinho, por certo também não teriam tantas exigências em relação às suas professoras. Para um ensino banal, alunas banais. Tudo na justa medida. De modo que a educação, dá sua “modesta” contribuição para a perpetuação de uma situação de desigualdade e exclusão. Ao grosso da população um ensino desqualificado. Somente o “bê-a-bá” necessário, que pudesse atenuar os altos índices de analfabetismo vigente no país daqueles tempos.

As campanhas mais prementes pela educação e desenvolvimento viriam mais tarde, com o otimismo pedagógico e o chamado entusiasmo pela educação, que supunham capazes de resgatar o Brasil do atraso que estivera até então.

Aí sim, a representação de classe pegaria forte na questão da “ascensão” social que levaria mocinhas pobres a sonhar com o diploma – seu passaporte de saída. Mas o Diário não cobre este período.

3.4 O “BILDUNGSROMAN”:

Seria interessante, ainda, levantar a questão do “Bildungsroman” de Helena Morley.

Para FERREIRA PINTO (1990), *“o termo alemão ‘Bildung’ tem o sentido da formação, educação, cultura ou processo de civilização e, em português, ‘Bildungsroman’ seria traduzido como ‘romance de aprendizagem’, de formação, ou de desenvolvimento.”*

Apesar de não estarmos lidando exatamente com um romance, é inegável o caráter de formação da menina que perambula pelo Diário. Os elementos temáticos presentes no livro (o cotidiano, a escola, a cidade, a família), sob o olhar astuto da adolescente, vão agindo, fazendo-a constituir sua lógica, seu juízo.

Os acontecimentos não têm uma sequência lógica, a menina vai contando; e a sua presença viva e marcante é o princípio unificador dos acontecimentos.

Assim, o *“‘Bildungsroman’ apresenta as consequências de eventos externos sobre o herói, registrando as transformações emocionais, psicológicas e de caráter que ele sofre. Há, portanto, uma ênfase no desenvolvimento interior do protagonista como resultado de sua interação com o mundo exterior.”* (PINTO, 1990)

O mundo exterior responsável pela formação do “Bildungsroman” feminino centrava-se nos limites do lar e da família. Sua aprendizagem objetiva a preparação de um papel social pré - determinado. E a representação da moça normalista “para casar” também recebeu adesões na forma sutil de algumas disciplinas escolares que recheavam o currículo da Escola Normal.

Disciplinas como o Português, Música, Francês, Corografia, Ginástica, davam sua parcela de lustro à formação da moça civilizada, engajada nos novos tempos republicanos:

“Chegou de Montes Claros uma irmã da nora de tia Clarinha e foi visitar tia Agostinha no Jogo da Bola. Ela é bonita, simpática e veste-se muito bem. Ontem fomos

todos passar o dia no Jogo da Bola, e foi um acontecimento a visita da moça de Montes Claros. Ficaram as tias todas admiradas da beleza da moça e de seus modos políticos de conversar. Falava explicado e tudo muito correto. Dizia “você” em vez de “ocê”. Palavra que eu nunca tinha visto ninguém falar tão bem; tudo como se escreve, sem engolir um “s” ou “r”. Todas nós ficamos de boca aberta e com medo de falar perto dela. Tia Agostinha mandou vir um bandeja de uvas e lhe perguntou se ela gostava de uvas. Ela respondeu: “Aprecio sobremaneira um cacho de uvas, Dona Agostinha”. Estas palavras nos fizeram ficar de queixo caído. Uma moça de Montes Claros dizer uma frase tão bonita!” (pg. 301)

Um pouco mais de verniz urbano e menos matutice provinciana poderia impressionar pela distinção de uma conversa empolada e, um ou dois volteios no salão, quem sabe, um pretendente mais distante dos inúmeros “ocês”, “inhôs” e “inhás” que circularam por bocas negras e brancas, desde os tempos de colônia.

Está, pois, ligado à sua formação e desenvolvimento. No entanto o “Bildung” de Helena é interrompido em três anos (período do diário). Isso era comum em romances do século XIX.

Para Ferreira Pinto, a interrupção do “Bildung” feminino se dá pela aceitação de um papel social que “já de antemão lhe tinha sido destinado, como o de esposa e mãe”, por exemplo.

Neste sentido, o Diário assemelha-se a um “Bildungsroman” truncado, pois ao lermos as notas da primeira edição, pelo próprio punho da autora, vamos logo sabendo o resultado da sua novela de formação – o casamento.

Por outro lado, o “Bildung” também pode ser interrompido quando acontece algum fato que leve ao fracasso da protagonista. Por exemplo, o acontecido com a tia inglesa da menina: ao ficar solteira “navegou” na contramão da trajetória feminina.

PINTO (1990), a propósito deste “fracasso” que leva o “Bildung” a um final truncado, faz uma observação bastante interessante:

“Verifica-se então que o final “truncado” de muitos “Bildungsroman” pode também representar um modo indireto, mudo, de protesto, uma rejeição da estrutura social que exige da mulher submissão e dependência.” (Pg.17)

No caso da tia inglesa, uma vez solteira, tratou de se profissionalizar numa carreira que resvalava respeito e admiração por parte da sociedade. “Matou dois coelhos com uma só cajadada”: apesar de solteira, foi responsável por seu próprio sustento e não teve que aguentar desaforos em casa de família, na humilhante condição de agregada. Deu a volta por cima!

Todavia existe, ainda, uma outra face na história dos “Bildungsroman” que é a intenção pedagógica emanada. Aquela que contribui para a educação e formação da pessoa que lê.

Assim é que, quando Helena destina às meninas em geral a única obra de sua vida, está na verdade querendo que se leia, que se veja como eram os tempos da sua meninice, da sua escola, da sua família, dos seus pensamentos, da sua cidade, das suas relações... A Diamantina de Helena Morley se descortina aos nossos olhos durante sua vida de menina, mostrando o processo de formação de uma garota adolescente, apimentada e irrequieta que teve uma cidade inteirinha, e leitores como eu, a seus pés!

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e Educação: a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998
- BASTOS, Maria Helena Câmara. "O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha." In: VENANCIO, Ana Chrystina (org). Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp.145-157
- BROCA, Brito. Horas de leitura. Campinas: Editora da Unicamp, 1992
- BRONTE, Charlotte. Jane Eyre. Trad. Sodrê Viana, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1956
- CAMINHA, Adolpho. A Normalista. São Paulo: Ática, 1978
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola e a República. São Paulo: Brasiliense (Coleção "Tudo é História", 127), 1989
- CATANI, Denice Bárbara [et al] (org). Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997
- CUNHA, Maria Teresa Santos. "Diários íntimos de professoras: letras que falam". In: VENANCIO, Ana Chrystina [et al] (org). Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 159-180
- DEL PRIORE, Mary. Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. 2ªed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1995
- _____, História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964
- _____, Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5ªed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1964
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Escola e Cotidiano: uma história da educação a partir da obra de José Lins do Rego. (1890-1920) – Tese de Mestrado. Faculdade de Educação, UFMG, 1994
- LEITE, Miriam Moreira. A condição feminina no Rio de Janeiro, séc. XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]:INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984

- LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula". In: DEL PRIORE, Mary (org) História de Mulheres. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 443-481
- _____. "Gênero e magistério: identidade, história, representação". In: CATANI, Denice Bárbara [et al.]. Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.
- MOLIÈRE. Escola de Mulheres. Trad. Millor Fernandes, Rio de Janeiro: Nórdica, 1974
- MORENO, Montserrat. Como se ensina a ser niña: el sexismo en la escuela. 2ªed., Barcelona,: Icaria Editorial, 1993
- MORLEY, Helena. Minha vida de menina. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro [et al]. Memórias da educação: Campinas (1850-1960). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999
- PINTO, Cristina Ferreira. O "Bildungsroman" feminino: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva (coleção Debates, vol. 233), 1990
- POMPEIA, Raul D'Ávila . O Ateneu. Porto Alegre: L&PM, 1998
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998
- ROCHA, Clara. Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992
- ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. "Entrevista com Noemia Veiga de Barros (Moura Campos) – ex aluna da Escola Normal Secundária da Capital entre 1909-1913". In: Ensino Normal em São Paulo (1846-1963): inventário de fontes. Campinas, SP: graf. Central/Unicamp, 1999, pp. 139-157
- SCHWARZ, Roberto. "Outra Capitu". In: Duas Meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 1977, pp. 45-144
- VECHIA, Ariclê e LORENZ, Karl Michael (orgs). Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951. Curitiba: Ed. Do Autor, 1992
- VIÑAO, Antonio. "Autobiografias, Memorias y Diarios como fuente historico-educativa: tipologia y usos". In: BERRIO, Julio Ruiz (ed.). La cultura escolar de Europa: tendencias históricas emergentes. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000, pp. 169-204
- XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado [et al] História da educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Trad. De M. Irene de Q.F. csányi, Tamás J.M.K. Szmrecsányi, 13ªed. São Paulo: Pioneira, 1999.

PARECER SOBRE O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aluna: MARIA SALETE ALVES DE AGUIAR

Parecerista: Prof^a LÍLIAN LOPES MARTIN DA SILVA

O texto que Maria Salette escreveu como TCC “acolheu”, tanto *no que diz como no como diz* o texto de Helena Morley, tomado e transformado em seu objeto de investigação.

É difícil tomar a matéria literária para consideração, qualquer que seja ela, e especialmente por escrito, num trabalho acadêmico. Há sempre o risco de se ter um discurso *sobre* que gere um esfriamento do texto literário, numa aproximação inadequada ou talvez equivocada, que não deixe falar o texto escolhido para análise. Não é o caso aqui. À delicadeza de Morley, a de Salette. Sem voltas e sem excessos...Sem longos itinerários pela palavra teórica, metodológica, da crítica literária, ou mesmo da história, a autora trabalha sempre rente ao livro, cumprindo fielmente o propósito estabelecido desde o início.

Nota 10,0 (dez)

